

CAPOEIRA É DEFESA, ATAQUE, GINGA DE CORPO E MALANDRAGEM

ANTONIO LIBERAC CARDOSO SIMÕES PIRES

QUEM PASSAR POR CERTAS PRAÇAS PÚBLICAS DO BRASIL POSSIVELMENTE PODERÁ SE DEPARAR COM UMA EXPRESSÃO CULTURAL DENOMINADA "CAPOEIRA". TRATA-SE DE UM FOLGUEDO GUERREIRO PRATICADO POR HOMENS E MULHERES DE TODAS AS IDADES E PROPAGADA PELO MUNDO INTEIRO. A PRÁTICA RITUAL ACONTECE EM FORMA DE CÍRCULO OU SEMICÍRCULO, NA CHAMADA "RODA DA CAPOEIRA", ONDE DOIS PRATICANTES ENTRAM EM COMBATE E REALIZAM MOVIMENTOS DE AGILIDADE DE RARA BELEZA. A LUTA É ACOMPANHADA POR MÚSICA PRODUZIDA POR INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO COMO O BERIMBAU, ATABAQUE, RECO-RECO, PANDEIROS, CAXIXIS, APITOS, TAMBORES E MALIMBAS. OS CANTOS ENTOADOS RECEBEM O NOME DE TOADAS, QUADRAS, CORRIDOS E LADAINHAS. OS TOQUES DOS BERIMBAUS SÃO VARIADOS E COMANDAM O RITMO DA RODA DA CAPOEIRA. SEUS PRATICANTES PODEM SER ENCONTRADOS VESTINDO VARIADAS INDUMENTÁRIAS –FITAS, LENÇOS OU CORDÉIS – PARA DEMARCAR SEUS NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO NO JOGO DA CAPOEIRA. HÁ SEMPRE A PRESENÇA DOS MESTRES QUE ENSINAM E ORIENTAM O ANDAMENTO DOS JOGOS.



Tratar a capoeira de uma forma geral é sempre difícil, pela diversidade histórica das formas de praticá-la e por ser cultuada por pessoas oriundas de variados grupos sociais.

CAPOEIRA É DEFESA, ATAQUE, GINGA DE CORPO E MALANDRAGEM



Tratar a capoeira de uma forma geral é sempre difícil, pela diversidade histórica das formas de praticá-la e por ser cultuada por pessoas oriundas de variados grupos sociais. Em princípio, ela teria sido uma prática dos escravos africanos no Brasil, fruto das conexões culturais realizadas pelos representantes das diversas etnias africanas que foram trazidas para cá, após capturas e escravização. Na documentação policial, datada dos anos 1820, relativa às prisões de escravos por praticarem capoeira na cidade do Rio de Janeiro, encontramos um grande número de etnias, como, por exemplo: Angola, Congo, Moçambique, Cassange, entre outras.

No século XIX, a capoeira é praticada de forma sistemática e massiva apenas no Rio de Janeiro, mas é reprimida pelas instituições policiais. Relatos sobre os capoeiras remontam ao final do século XVIII, época do "major Vidigal", um policial que ficou famoso por usar a capoeira em suas contendas com escravos fugidos, feiticeiros e com os próprios capoeiras. Mas foi após a fundação da polícia civil e militar, que encontramos, com maior constância, registros dos capoeiras em fontes históricas. No início do século XIX, os capoeiras já eram bastante conhecidos, na cidade do Rio de Janeiro. No período de 1810 a 1821, entre as 4853 prisões efetivadas pela polícia nessa cidade, 438 (9%) foram por acusação de prática da capoeira. Nesse período, os capoeiras formaram grupos e interferiram na relações de poder no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, assim como nas relações entre escravos e senhores e entre os próprios escravos.

Os praticantes de capoeira desse período estavam organizados por grupos, chamados de "malts de capoeiras", que tinham como referência os bairros da cidade. Esse modelo de organização foi relativamente hegemônico por todo o Brasil. Além da navalha eles utilizavam sovelões, marimbas e paus como armas em suas contendas de grupo. Sua práticas não se limitaram aos procedimentos da luta, eles inventaram uma tradição em torno da capoeira que incluiu nomes e gritos de guerra de cada grupo.

Plácido de Abreu, um dos maiores praticantes amadores da época, explica que, na segunda metade do século XIX, os capoeiras estavam divididos em dois grandes grupos denominados nações: "nagoa" e "guaiamu". Na verdade, cada nação era formada por diversos grupos de capoeiras que se organizavam geralmente por bairros, ou seja, uma nação significava a aliança entre um conjunto de grupos, representando certo domínio sobre áreas específicas da cidade. A historiografia ainda não chegou a uma definição categórica dos termos que denominavam essas duas grandes nações. As informações de Plácido de Abreu apontam, entretanto, para diversas características desses grupos e possuem uma importância singular, pois revelam a linguagem interna. A partir daí, temos um olhar de dentro, de um indivíduo que participou ativamente dessas organizações, tendo sido um "amador".

(1) Amador era a denominação do praticante da capoeira que não pertencia a nenhuma malta.



Capoeira

Capoeira é defesa, ataque, ginga de corpo e malandragem

O autor deixou, sem dúvida, o relato mais fascinante sobre os capoeiras do século XIX. Escreveu, por exemplo, que os nagoas e guaiamus estavam divididos em diversos “partidos”. Ele esclarece, ainda, que guaiamu é o capoeira que pertence aos partidos de São Francisco, situado no grande centro da cidade do Rio de Janeiro, Santa Rita, Marinha, Ouro Preto, São Domingos de Gusmão, além de outros grupos menores. Os nagoas pertenciam aos partidos de Santa Luzia, São José da Lapa, Santana, Moura, Bolinha de Prata, além de outros. Esses grupos, denominados de “partidos” por Plácido de Abreu, estavam divididos por freguesias e áreas específicas no interior das freguesias da cidade. Esses partidos também estavam demarcados a partir de símbolos, principalmente os que faziam referências às cores: o vermelho dos guaiamus e o branco dos nagoas. Segundo Plácido de Abreu, eles emitiam “gritos” de guerra: “É a Lapa. É a Espada. Quando é daquela província. É a senhora de cadeira. Quando é de Sant’ana. É velho carpinteiro. Quando é de São José. E assim por diante”.



Foto: Acervo MRE

Eles possuíam rituais públicos de conflito entre os grupos “Quando, por exemplo, a banda de música saía do centro da cidade, isto é, a terra dos guaiamus, e dirige-se para os lados da Lapa, ou Cidade Nova, os capoeiras que pertencem àqueles partidos acompanham o batalhão, prevenidos para o encontro com os nagoas, visto irem em terra alheia”.

Havia lugares próprios para treinamentos: “Os ensaios faziam-se regularmente nos domingos de manhã e constavam de exercícios de cabeça, pé e golpe de navalha e faca. Os capoeiras de mais fama serviam de instrutores àqueles que começavam. A princípio os golpes eram ensaiados com armas de madeira e por fim serviam-se de próprios ferros, acontecendo muitas vezes ficar ensangüentado o lugar dos exercícios”.

As cantigas eram chamadas de toadas e fizeram parte do jogo como elemento lúdico e de desafio:

Os guaiamus cantavam:

Terezinha de Jesus

Abre a porta apaga luz

Quero ver morrer nagoa

A porta do Bom Jesus

Os nagoas respondiam:

O castelo içou bandeira

São Francisco repicou

Guaiamu está reclamando

Manoel preto já chegou.

Concomitantemente à repressão desencadeada pelo governo provisório republicano, surgiu um movimento valorizador da capoeira que alcançou diversos grupos sociais. Alguns parlamentares se lançaram em defesa da capoeira, como o deputado Coelho Neto, que chegou a organizar um movimento de oficialização do ensino nas Forças Armadas. Isso ocorreu no mesmo momento em que centenas de capoeiras estavam sendo presos e processados pelo artigo 402. Nessa fala está o projeto de uma capoeira modelada pelas lutas marciais e a idéia de um esporte “genuinamente brasileiro”.

Como afirmou Annibal Burlamaqui, conhecido por “Zuma”, um exímio capoeira da década de 20 do século XX:

No Brasil já se praticam, pode-se dizer, todos os sports: temos campeonato de remo, natação, foot-ball, basket-ball, boxe, luta romana, tênis atletismo em geral, etc. Atualmente até o pólo e golfe já são disputados em nossa terra. No entanto, é de lamentar que, até hoje, nada se tenha em prol do esporte nacional. Cogita-se de uma arte nacional, brasileira, da música brasileira. Até mesmo da política brasileira.

Zuma foi um importante inventor dessa nova capoeira carioca e afirmou que vários golpes foram retirados dos “bataques” e “sambas”, como no caso do “baú”. Trata-se de um golpe dado no adversário com a barriga, sendo próximo aos movimentos do “samba de umbigada”. O “baú” também era usado nos “bataques lisos”, segundo Zuma, os mais delicados. Já o “rapa” teria sido um golpe utilizado nos “bataques pesados”. Ele ainda explica que haviam os golpes de “tapeação”, que serviam apenas para enganar o adversário.

Zuma também apontou para algumas regras, exercícios e treinos para o ensino da capoeiragem: “Primeiramente idealizei um campo de luta onde, com espaço suficiente, se pudesse realizar a *gimnastica brasileira*”.



Um traço comum aos praticantes da capoeira no Brasil foi adquirir um apelido, costume que perdura até os dias de hoje. Ao mesmo tempo em que os praticantes no Rio de Janeiro projetavam uma capoeira vinculada às artes marciais, os praticantes baianos, que não obtiveram grande visibilidade histórica no século XIX, despontaram com dois projetos de capoeira distintos: a capoeira angola e a capoeira regional. Mestre Pastinha e Mestre Bimba foram os dois mais importantes praticantes desses estilos ou modelos de capoeira.

CAPOEIRA É DEFESA, ATAQUE, GINGA DE CORPO E MALANDRAGEM



O campo de luta, idealizado por Zuma, era composto de um círculo, desenhado em seu interior a letra "Z". Para as competições, haveria um juiz para controlar o tempo de jogo e os movimentos dos jogadores. O tempo de luta seria de no máximo uma hora, dividida em confrontos de 3 minutos, com descansos de 2 minutos. A cada intervalo deveria haver a apresentação dos lutadores no meio do círculo, como uma forma de controle do jogo por parte do juiz. Em caso de empate, haveria ainda mais meia hora de tempo com intervalos maiores para descanso. Caso o jogo continuasse empatado, o juiz passaria para a etapa da "morte", quando os jogadores lutariam até cair (nocautê), sem intervalo para descanso. Os embates dar-se-iam em campos de futebol.

Apesar da forte repressão sobre os capoeiras desde os inícios do século XIX até sua criminalização em 1890, a resistência foi maior e sua prática foi reinventada a partir dos anos 20 do século XX. Seus praticantes a colocaram em um patamar de símbolo nacional, construindo identidades vinculadas ao esporte, à dança, à música e às artes marciais, principalmente.

A prática da capoeira na Bahia do século XIX não sofreu uma forte repressão, como no Rio de Janeiro. A polícia baiana não processou ninguém pelo artigo 402 do código penal de 1890. Entretanto, houve várias prisões de capoeiras baianos no início do século XX. Os motivos dos processos eram por agressões físicas (artigo 303 do código penal de 1890). Os capoeiras baianos também seguiram o modelo de organização das maltas cariocas, ou seja, organização tendo como referência principal os bairros da cidade soteropolitana.

Os capoeiras baianos ficaram famosos e permaneceram na memória coletiva dos praticantes da atualidade com maior ênfase do que os praticantes cariocas. Aqui citamos apenas alguns dos principais nomes da época: Pedro Mineiro, Antônio Boca de Porco, Bemenol, Chico Três Pedacos, Feliciano Bigode de Sêda e Besouro Mangangá, este último o mais famoso entre eles. Um traço comum aos praticantes da capoeira no Brasil foi adquirir um apelido, costume que perdura até os dias de hoje.

Ao mesmo tempo em que os praticantes no Rio de Janeiro projetavam uma capoeira vinculada às artes marciais, os praticantes baianos, que não obtiveram grande visibilidade histórica no século XIX, despontaram com dois projetos de capoeira distintos: a capoeira angola e a capoeira regional. Mestre Pastinha e Mestre Bimba foram os dois mais importantes praticantes desses estilos ou modelos de capoeira. A capoeira regional e a capoeira angola apresentam a mesma estrutura, sendo semelhantes desde o treinamento em série até a utilização de indumentárias. Suas diferenças fundamentais estão no estilo do jogo e na musicalidade.

A capoeira angola aparece na Bahia nos anos 20, principalmente com o grupo de Querido de Deus, um capoeira estivador no Cais de Ouro da velha Bahia. Mas foi Mestre Pastinha quem sistematizou a capoeira ango-



la em suas regras rituais, toques e ritmos de várias belezas e uniformizou os praticantes, dando um caráter também esportivo à prática cultural. Para Mestre Pastinha, a capoeira angola era parte da cultura nacional brasileira. Houve uma grande diversidade de praticantes da capoeira angola, como o Mestre Valdemar da Paixão, Mestre Noronha, Mestre Tibúrcio, Mestre Canjiquinha, Mestre Caiçara, Mestre João Pequeno e Mestre João Grande, entre muitos outros. Mestre Bimba, por outro lado, ampliou os golpes e ritmos, dando ênfase aos cantos e ao regramento dos instrumentos musicais em apenas dois pandeiros e um berimbau. Invenções que se tornaram hegemônicas em todo o Brasil.

A capoeira regional, por meio de seus praticantes baianos, rapidamente migrou para todo o Brasil. É raro encontrarmos um município do Brasil onde não exista praticante da capoeira, a não ser em áreas rurais extremamente distantes. Os praticantes da capoeira angola acompanharam

esse mesmo movimento de expansão da capoeira regional algumas décadas depois. Mas, quando o fizeram, trouxeram novo impulso ao processo de cristalização da capoeira como cultura global. Atualmente, a capoeira é praticada em todos os continentes e, cada vez mais, torna-se importante prática cultural e símbolo de nacionalidade.

Com efeito, os olhares discriminatórios da sociedade e de suas instituições policiais sobre a capoeira perdem intensidade com o passar dos tempos. Em 1937, a capoeira foi liberada, pois já se encontrava em outro degrau dos valores sociais. A cultura negra ganhava importância no processo de transformação dos símbolos étnicos em símbolos nacionais e o Brasil apresentava a capoeira ao mundo com um de seus tesouros mais raros e como fruto de um processo de sincretismo no qual os aportes das diversas etnias africanas, européias e indígenas se transformam em uma mesma coisa, ou seja, na capoeira, uma peculiaridade brasileira.



Foto: Acervo MRE

Referências Bibliográficas

ALGRANTI, Leila Mezan. *O feitor ausente: estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro. 1808-1822*. Petrópolis, Vozes, 1988.

HOLLOWAY, Thomas H. "O Saudável terror" *Repressão policial aos capoeiras e resistência dos escravos no Rio de Janeiro do século XIX*. Rio de Janeiro, Revista do centro de estudos afro-asiáticos, 16, 1989.

SOARES, Carlos Eugênio Libano. *A negregada instituição. Os capoeiras no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Ed. Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

_____. *A capoeira escrava no Rio de Janeiro 1808-1850*. Campinas, Tese de doutorado, Unicamp, 1998.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. *A Capoeira no jogo das cores. Criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930)*. Campinas, Dissertação de mestrado, Unicamp, 1996.

ALMEIDA, Manoel Antonio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro, Ed. Crítica, 1978.

AGPMERJ – Correspondências recebidas – 16/11/1932.

ABREU, Plácido de Abreu. *Os capoeiras*. Rio de Janeiro, Tipografia da escola de Serafin José Alves, sd.

DIAS, Luiz Sérgio. *Quem tem medo da capoeira? 1890-1906*. Rio de Janeiro, tese de mestrado no departamento de história da UFRJ, 1993, p. 110

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade*. Petrópolis, Vozes, 1988, p.54.

Antonio Liberac Cardoso Simões Pires. Doutor em História Social pela Unicamp. Prof. Dr. Adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Obras publicadas: "Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá, Três Personagens da Capoeira Baiana". Tocantins/Goiania, UFT/Grafset, 2001. "A capoeira na Bahia de Todos os Santos". Tocantins, UFT/Grafset, 2004. (org). "Sociabilidades Negras", Belo Horizonte, Ministério da Educação, Daliana, 2006.

Este artigo está baseado na obra do autor intitulada: *Movimentos da cultura afro-brasileira*, Campinas, tese de doutorado, Departamento de História, Unicamp, 2001.

